

An illustration of a diverse group of people. In the foreground, a young boy with brown hair and a wide smile holds a large sign. Behind him, a man with a beard, a woman with brown hair, and a woman with dark curly hair wearing a stethoscope are visible. To the left, a woman with glasses and curly hair holds a book with letters on it. The background is a colorful, abstract pattern of orange, yellow, and green.

GUIA SOBRE
COMUNICAÇÃO
AUMENTATIVA
E
ALTERNATIVA

GUIA SOBRE COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA

SUMÁRIO

1

INTRODUÇÃO
PG 4

USO DA CAA
NA PRÁTICA
PG 20

5

2

O QUE É
COMUNICAÇÃO?
PG 6

QUEM JÁ VIVENCIA
ESSA EXPERIÊNCIA
PG 26

6

3

PARA QUEM
É INDICADO
O USO DE CAA?
PG 10

INFORMAÇÕES
IMPORTANTES
E REFERÊNCIAS
PG 40

7

4

POR ONDE
COMEÇAR?
PG 16

SOBRE APRAXIA DE
FALA NA INFÂNCIA
PG 44

8

INTRODUÇÃO

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é um tema que frequentemente gera muitas dúvidas: quando utilizá-la, como aplicá-la e, principalmente, qual é a sua importância para pessoas com necessidades complexas de comunicação. Famílias de crianças com Apraxia de Fala na Infância, em especial, trazem essas questões a debate frequentemente.

Com o desejo de apoiar esses pais e familiares que estão começando a explorar esse tema, lançamos esta cartilha. Utilizando uma linguagem simples e acessível, nosso objetivo é explorar alguns mitos sobre a CAA e oferecer orientações claras para quem busca entender mais sobre essa abordagem essencial.

Acreditamos que uma inclusão social verdadeira só é possível quando eliminamos barreiras, e a Comunicação Aumentativa e Alternativa é uma ferramenta fundamental nessa jornada. A CAA é uma verdadeira ponte para a inclusão, dignidade e realização do potencial humano.

Para transformar nossa sociedade e incluir, de forma efetiva, crianças, adolescentes e adultos que enfrentam desafios de comunicação, é essencial que atuemos juntos, de forma coletiva. E é isso que queremos apresentar a vocês!

Esperamos que esta cartilha seja um ponto de partida valioso sobre a CAA e inspire pais, familiares, educadores e profissionais de saúde, especialmente fonoaudiólogos, a explorar e utilizar essa eficaz ferramenta.

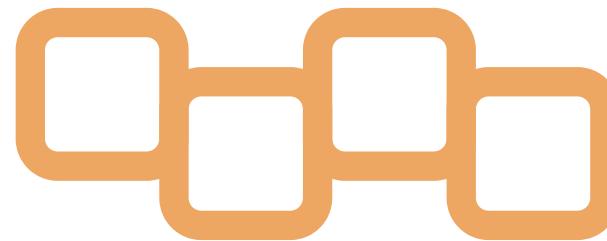


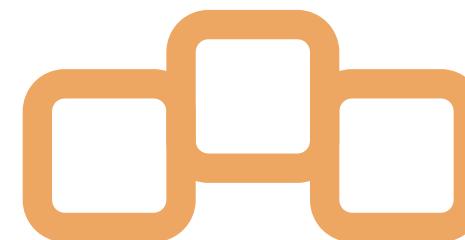
O QUE É COMUNICAÇÃO?



Comunicação, linguagem e fala podem parecer sinônimos; **no entanto**, são conceitos que se complementam. A comunicação é o ato de transmitir e receber uma mensagem de outra pessoa. Já a linguagem pode ser compreendida como o conteúdo dessa mensagem, e a fala é o meio pelo qual uma mensagem pode ser expressada, o ato motor de produzir palavras.

Comunicamo-nos por diversos motivos: para realizar pedidos, escolher, fazer comentários, demonstrar afeto, expressar necessidades, ideias e até mesmo para rejeitar algo. A comunicação é multimodal e se dá por vários meios. Podemos nos comunicar através de gestos, expressões faciais, movimentos corporais (como puxar pela mão), gestos, escrita, símbolos ou imagens, por exemplo. A comunicação eficaz acontece quando a mensagem de uma pessoa é compreendida pela outra, independente da forma utilizada para expressá-la.





A CAA se faz necessária quando a fala e/ou linguagem está prejudicada, mesmo que parcialmente, de tal forma que afete a comunicação e a participação ativa da vida em comunidade. A CAA tem o intuito de proporcionar meios para estabelecer a comunicação de acordo com a necessidade de cada criança. Dessa forma pode ser um **suporte aumentativo**, que irá expandir as competências sociais de quem já consegue falar oralmente, mas não consegue ser compreendido em todos os momentos, **afetando a sua autonomia**, ou **suporte alternativo** que irá viabilizar a ocorrência da comunicação, para aqueles que não conseguem se comunicar por meio da fala.

O objetivo final será que o indivíduo que utiliza meios alternativos de comunicação seja capaz de se comunicar com seus interlocutores - crianças ou adultos - sobre os mesmos assuntos e nas mesmas situações que indivíduos falantes.

Outros termos que também são utilizados no Brasil para se referir a CAA são: **Comunicação Alternativa e Ampliada, Comunicação Suplementar e Alternativa, ou ainda Comunicação Alternativa e Facilitadora.**

PARA QUEM É INDICADO O USO DE CAA?



O uso da CAA é indicado para qualquer pessoa que possua Necessidades Complexas de Comunicação (NCC). NCC é um termo utilizado para designar pessoas que têm transtornos na comunicação resultantes do Transtorno do Espectro Autista, Apraxia de Fala na Infância, Paralisia Cerebral, Síndrome de Down ou outras condições e que necessitam de maior suporte das pessoas do seu convívio para que suas mensagens sejam compreendidas.

Dentro desse grupo de pessoas, há aquelas que necessitam da CAA como um meio aumentativo e/ou alternativo.

Aumentativa

Para expandir as competências sociais, recursos utilizados como apoio complementar. Indicado para crianças com dificuldade de:

- ▶ Inteligibilidade de fala (conseguem falar, mas são pouco compreendidas por outras pessoas);
- ▶ Compreensão (não entendem comandos simples, ou em alguns casos apresentam dificuldades com conceitos mais abstratos, como verbos mentais [acho, penso] e adjetivos mais complexos [rápido, devagar]);
- ▶ Alfabetização;
- ▶ Interação social;
- ▶ Na construção de frases mais complexas.

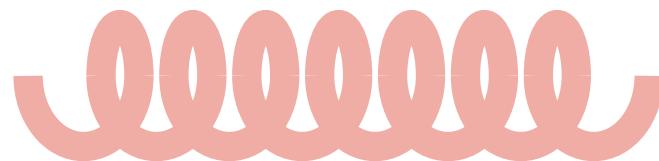
Alternativa

Para possibilitar a ocorrência da comunicação, um recurso alternativo quando a fala não é uma possibilidade naquele momento. Indicado para indivíduos com:

- ▶ Ausência de fala;
- ▶ Que requerem muito esforço para falar e preferem a utilização de um recurso de CAA;
- ▶ Fala restrita, vocabulário com poucas palavras.

Acima foram listados alguns perfis em que os recursos de CAA tem objetivo mais aumentativo ou alternativo, com o objetivo de exemplificar. Sendo assim não se deve desconsiderar que há outras situações que não foram aqui citadas.

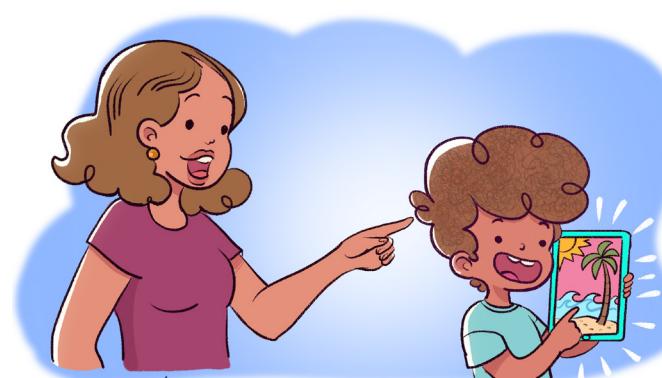
Portanto, a CAA não é indicada apenas para quem não fala. Crianças que já possuem outros meios de comunicação estabelecidos, seja por aproximações de palavras ou até mesmo um repertório de palavras e frases, **nos quais** esses meios não atendam todas as suas necessidades de interação, também se beneficiam do uso de CAA.



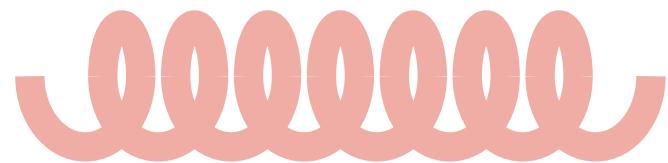
A CAA pode ser implementada em qualquer faixa etária. Não há pré-requisitos cognitivos, motores ou de qualquer outro tipo para que uma pessoa utilize a CAA. Mesmo indivíduos com déficits cognitivos severos são capazes de aprender e de se beneficiar desses recursos. Portanto, a CAA deve ser implementada o quanto antes, assim que constatada a presença de NCC na criança, e adaptada para cada indivíduo, considerando suas particularidades e necessidades.

Estudos apresentam evidências de que a CAA promove efeitos positivos na comunicação, linguagem e alfabetização, assim como na participação dos seus usuários em ambientes educativos, profissionais, familiares e comunitários, além de promover mudanças comportamentais positivas. É importante destacar que crianças que não conseguem se comunicar efetivamente precisam encontrar outras formas, e muitas vezes pode ser através de comportamentos pouco funcionais, como chorar, bater ou jogar objetos.

Muitas vezes, o que vemos como uma falha de comportamento adequado...



É na verdade uma falha de comunicação apropriada



Uma dúvida bastante frequente é: “A CAA pode inibir ou impedir o desenvolvimento da fala da criança?” **A resposta é não!**

Os recursos de CAA **não inibem nem impedem** o desenvolvimento da fala. A indicação do uso se dá com o intuito de apoiar a comunicação e de proporcionar que a criança expanda suas possibilidades de interação. Há estudos que indicam, justamente o contrário, que, através do uso desses recursos, além de aprimorar a comunicação, linguagem e alfabetização, também há efeitos benéficos no desenvolvimento da fala.

Para uma verdadeira inclusão social, é fundamental eliminar barreiras comunicativas. A CAA desempenha um papel crucial nesse processo, ajudando a integrar crianças e adolescentes com NCC na sociedade de maneira digna e significativa.



POR ONDE COMEÇAR?

4

Para a escolha do recurso de CAA mais adequado, é imprescindível a realização de uma avaliação fonoaudiológica, que irá determinar quais os meios de comunicação que a criança já utiliza (gestos, movimentos corporais, vocalizações) e quais são as funções comunicativas que ela necessita aprimorar. A avaliação é fundamental para traçar metas e acompanhar os avanços de forma objetiva.

Dentre as possibilidades de recursos, existem os de **baixa, média e alta tecnologia**. Os de **baixa tecnologia** são elaborados com desenhos, fotografias, alfabetos ou símbolos impressos, por vezes com o uso de velcro ou plastificados. Alguns exemplos são: pranchas de comunicação em diferentes configurações, cartões, livros de comunicação como o *flipbook*, e rotinas visuais.

De **média tecnologia**, há os vocalizadores, que são dispositivos eletrônicos que permitem a gravação de uma mensagem e a reprodução desse som, podendo ter um único botão ou vários.

Já os recursos de **alta tecnologia** envolvem o uso de softwares em dispositivos eletrônicos, como tablets e computadores, por exemplo.

Alguns softwares e aplicativos disponíveis para o português brasileiro são: TD Snap, Coughdrop, Expresia, Sonoflex e Asterics Grid. Alguns desses recursos são gratuitos, enquanto outros são adquiridos por meio de mensalidades ou possuem versões gratuitas mais simples.





É necessário ressaltar que, ao implementar um sistema de CAA, uma mesma criança pode fazer uso de recursos combinados. Pode-se indicar o uso de um recurso de alta tecnologia, como o software TD Snap no tablet, mas também utilizar apoios visuais impressos e plastificados para a hora do banho, ou chaveiros com pictogramas para solicitar o seu tablet. O objetivo fundamental é garantir o máximo de autonomia e acessibilidade.



A construção do sistema de CAA deve ser personalizada para atender às necessidades de cada pessoa. Nesse processo, se faz importante presumir competência, considerando que aquela criança tem muito a comunicar, mas não o faz porque não tem um meio que lhe permita revelar seus desejos, opiniões e conhecimentos. Dessa forma, prioriza-se sempre a construção de um sistema que possua uma ampla variedade de palavras, que possibilitem a expressão de diversos pensamentos e desejos. É fundamental que, além de comunicar necessidades básicas como sede, fome e desconforto, a criança tenha a possibilidade de fazer comentários, relatar acontecimentos e fazer perguntas.

O uso do sistema de CAA pode ocorrer com a criança apontando para o símbolo do que deseja comunicar ou apontando para letras em um teclado e formando palavras, mas em casos de dificuldade motora, há outras alternativas de acesso, como o uso de ponteiras, botões acionadores, *eye tracking**, ou até mesmo a realização da varredura por outra pessoa.

A aprendizagem do uso do sistema CAA requer estratégias de ensino. Essas estratégias podem ter um caráter mais estruturado, em ambientes controlados como nas sessões de terapia ou com atividades específicas, ou ser mais espontâneas durante as interações do dia a dia. Alguns dos métodos de ensino mais conhecidos no Brasil são: PODD (Pragmatic Organization Dynamic Display), PECS (Picture Exchange Communication System) e CORE.

Além da estratégia de ensino indicada, o fundamental para o sucesso do uso da CAA é a participação ativa dos parceiros de comunicação, que são todas as pessoas que interagem e irão interagir com aquela criança, como os pais, familiares, amigos e professores.



Eye tracking: dispositivo que identifica através do rastreamento ocular onde a pessoa está olhando.

USO DA CAA NA PRÁTICA



O indivíduo que antes só apontava seus desejos, agora pode falar sobre seu dia, reclamar sobre uma programação da televisão e expressar seus pensamentos. Agora, através de símbolos significativos, muitas oportunidades são possíveis. Afinal, a comunicação não é só pedir o que comer ou ser compreendido apenas pela própria família nas necessidades mais básicas, mas é um mundo a ser explorado com liberdade.

É recorrente que as crianças que aparentemente compreendiam apenas ordens simples, ao aprenderem a comunicação por símbolos ou através da escrita, demonstrem ter conhecimento amplo sobre diversos assuntos e refiram a necessidade de comunicar com muito mais profundidade sobre diversos temas, mas que não conseguiam em função de um comprometimento motor de fala.

Para que esta evolução seja possível, o novo usuário de CAA deve ter interlocutores que também USAM este mesmo sistema simbólico. Da mesma forma que, ao aprender uma nova língua, precisamos de acesso a um professor proficiente, o usuário de CAA também precisa observar o uso da CAA, vivenciar o uso dos símbolos em todos os seus ambientes e em todas as situações possíveis. Aprendemos as palavras através de um modelo observado, e ninguém domina qualquer idioma sem modelos prévios. Por isso, a **modelagem** é fundamental.



Para realizar a modelagem em CAA, basta apontar para as palavras em um recurso de comunicação enquanto falamos alguma palavra correspondente. Não é somente o usuário que passa a usar suas pranchas, *flipbook* ou aplicativo, mas todos os envolvidos na comunicação com ele. Pense que quer ensinar inglês para alguém: fazemos isso falando em inglês, não em português.

Vamos a um exemplo prático: um menino vai almoçar e observa sua mãe falando que a comida está “quente”, mas não somente através da fala: sua mãe também aponta a palavra “quente” no aplicativo de comunicação. Assim, o indivíduo pode aprender a função de cada palavra no seu contexto natural e real. Após entender o uso da palavra e do símbolo “quente”, se em algum outro dia a comida realmente estiver quente demais, ele pode avisar que a temperatura de algum alimento em

questão está aquecida demais, através deste sistema simbólico, ou até mesmo reclamar da previsão do tempo ou contar que comeu cachorro quente na escola.

Dessa forma, quanto mais contextos comunicativos acessíveis para sua modalidade a criança participar, mais apta ela estará para participar de conversas expressando tudo o quanto quiser. Por isso, não basta entregar um recurso assistivo, mas é necessário que todos o utilizem de forma constante e comprometida para o desenvolvimento e envolvimento comunicativo do indivíduo, para que ele não saiba usar apenas a palavra “quente”, mas também as palavras estar, pensar, ir, gostar e todas as que desejar.

Uma das coisas mais importantes durante este processo é o indivíduo interagir e ter suas tentativas validadas, em todas as modalidades comunicativas que ele utiliza (gestos, sistema de CAA, vocalizações). Por exemplo: a criança aponta para a geladeira.



O pai pode pegar o sistema de CAA e oferecer para a criança, também apontando para algumas palavras, como fome, abrir, comida, e dizer: “Ah, será que você está com fome?”, “Vamos abrir a geladeira?” “Será que o que você quer me dizer está na pasta da comida?” Assim, vamos navegando no recurso, considerando as tentativas do usuário. Continuando na mesma cena, a criança aponta para o tomate. Mas não há tomate na geladeira. O que o pai deve fazer? Corrigir, dizer que pediu errado? Não! Deve validar e atribuir significado real para aquela tentativa. Uma possibilidade seria: “Ah, não temos tomate, mas podemos comprar!”, enquanto aponta a palavra tomate e comprar.





Depois de observar o uso de seu recurso e ter liberdade, respeito e validação dentro de suas próprias iniciativas, o indivíduo começa a ficar mais atento à modelagem, ter mais interesse social, criar algum senso de propriedade quanto ao seu recurso de comunicação, imitar o uso de algumas palavras e, por fim, começa a utilizar seu aplicativo ou *flipbook* ao ganhar competência operacional e comunicativa (saber onde está cada palavra, quando deve usar cada palavra, em que situação cada expressão pode ser utilizada), pois viu muitas vezes seus pares utilizando dentro de contextos reais. Este processo pode ser muito rápido para alguns indivíduos, como dias, e mais lento para outros, como anos.

Por isso, os parceiros de comunicação devem ser treinados e todos devem se comprometer com a comunicação do indivíduo em questão, para que não somente seus desejos sejam atendidos, mas que um meio para o desenvolvimento pessoal e até mesmo a alfabetização seja possível de forma mais assertiva. A escola deve ser envolvida, e até mesmo as tarefas escolares podem ser adaptadas usando-se CAA, favorecendo significativamente a implementação e ampliando a aprendizagem do usuário.

Em todos os casos com indicação da CAA, a implementação adequada e respeitosa traz diversos benefícios. Ou seja, não se aplica o conceito de “não funciona”. O que ocorre na maior parte das vezes é que há uma expectativa de que em três meses a criança comece a contar histórias, sem ter o devido conhecimento do próprio recurso de comunicação e sem ter acesso a parceiros que conheçam profundamente o aplicativo/*flipbook* da criança. É necessário paciência, tempo e muita exposição em todos os ambientes a todo momento para que a ampliação da comunicação aconteça.

É imprescindível que, durante a implementação, a equipe que está acompanhando a família e a criança estabeleça metas de curto, médio e longo prazo e organize reavaliações constantes para averiguar ganhos e adequar estratégias direcionadas para facilitar a aprendizagem do uso da CAA, bem como selecionar técnicas e procedimentos para superar possíveis barreiras e dificuldades durante este processo.

A atualização e a evolução constante do sistema de CAA são fundamentais para continuar atendendo às necessidades daquela criança que continua crescendo, ganhando novos conhecimentos, novas palavras e novos desafios durante o seu desenvolvimento.

A comunicação é um direito humano fundamental que garante autonomia e liberdade. As crianças com necessidades complexas de comunicação têm muito mais a compartilhar do que conseguem. A CAA é um meio para dar voz e proporcionar acesso a um mundo de possibilidades.



QUEM JÁ VIVENCIA ESSA EXPERIÊNCIA

6

1. Eleandra Barbieri, mãe da Isabela Barbieri Sada (com diagnóstico de TEA eAFI) e da Alice Barbieri Sada (com diagnóstico de TEA). Moram em Blumenau, SC

Várias Formas de Falar. A introdução da Comunicação Alternativa no processo de aquisição de fala de uma criança com Apraxia de Fala.



Oi, eu sou Alice, sou irmã gêmea da Isabela.

Eu nasci primeiro. Na verdade, um minuto antes, mas no dia anterior ao nascimento da Isabela. Sim, isso mesmo. Somos gêmeas de dias diferentes! Eu nasci às 23:59 do dia 3 de maio e Bela, ao que parece, quis nascer no mesmo dia do aniversário da nossa vovó Denise: dia 4 de maio, à meia-noite.

Eu demorei um pouco para começar a falar. A Bela falava uma língua que era dela, mas depois ficou quietinha que só vendo. Com o passar do tempo, nossa família foi achando formas de minha irmã se comunicar por gestos, olhar, pelo sorriso. Mesmo assim, nem sempre o papai e a mamãe entendiam o que estava acontecendo ou o que ela queria e precisava. Era um mistério a ser desvendado.

Com a ajuda da fono, fomos inserindo no nosso dia a dia algumas outras formas de Bela se comunicar: figurinhas em uma pasta, cartões, além dos gestos, dos olhares e do seu sorriso. Esses sempre foram para mim os mais expressivos e assertivos. Ela gostava de pedir piscina, ou ir para casa quando estava na terapia. O jeitinho dela de dizer que estava cansada ou que não estava se divertindo naquele momento.

Mas Bela sempre foi dedicada e entendia que as sessões de fono estavam ajudando ela a se fazer entender. Quando usou uma apostila com umas figuras fixas foi quando mais percebemos o quanto Bela tinha a dizer. Foi tanta coisa que começou a fazer sair da cabecinha dela que minha mãe fez dois tamanhos para carregar na bolsa e poder levar para a escola.

Quando ela aprontava com a minha mãe, não era a pasta que ela usava: ela pedia desculpas com beijinho, e daí já sabe né, não tem como não desculpar. Bela é muito carinhosa.



Com a apostila, minha irmã ganhou um comunicador com voz. Não é bem a voz dela, mas é a voz de uma mulher, a Luciana. Acho que a Bela gosta mais dessa voz, porque depois da Luciana ela resolveu falar mais com a sua boca. A Bela usa o comunicador para fazer pedidos deliciosos. Quando eu quero uma coisa e sei que meus pais vão pensar antes de dar, eu peço para a Bela pedir, porque aí são duas filhas pedindo, né! Vale mais. Batata frita, por favor?

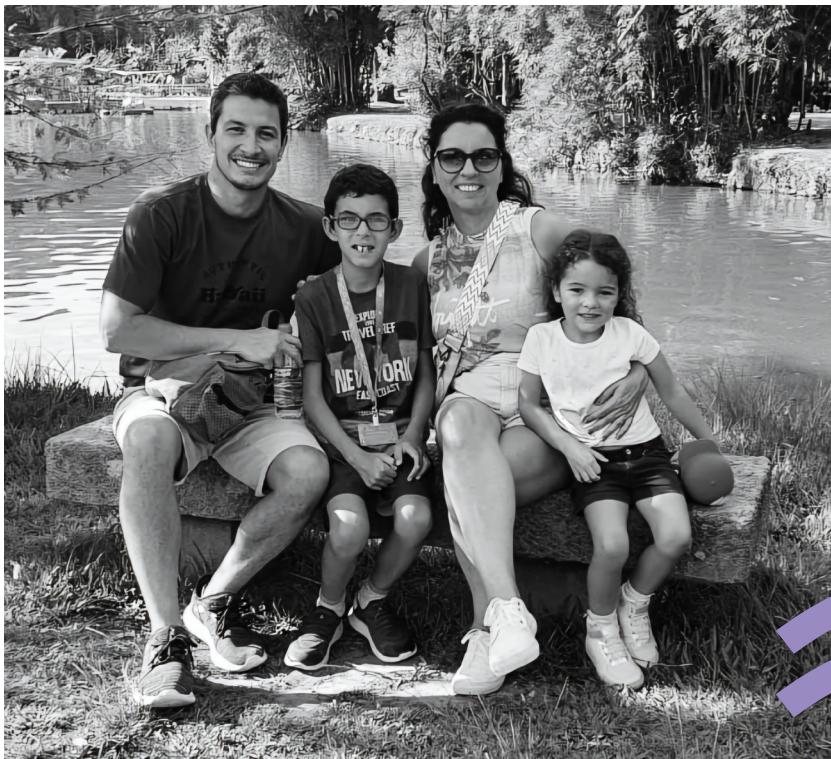
Sim, minha irmã sempre é educada - mais do que eu às vezes - quando pede algo sempre vem um pedido de “por favor”. Às vezes, eu e ela também conversamos pelo comunicador. Comigo, minha irmã prefere usar a voz dela, mas me considero sua parceira de comunicação. Descobrimos juntas uma outra língua. Quando saímos de casa, o comunicador passeia junto. E ouvir a Bela e saber que outras pessoas estão entendendo o que ela quer dizer é algo que me traz uma felicidade tão grande... Talvez a mesma felicidade que a mamãe sente quando a Bela dá beijinhos nela e olha para ela de um jeito que só as duas entendem.

Meus pais sempre dizem que devemos respeitar toda e qualquer diferença. Falam muito sobre empatia. E o jeito que conseguimos colocar essa palavra em prática é respeitando as diversas formas de comunicar.

Nem sempre é fácil, o caminho que percorremos para chegar até aqui foi bem cansativo, mas o que me deixa mais feliz é quando eu pergunto para a Isabela: “Você me ama?” e ela me responde com um abraço, um beijo e um “sim”.

2. Mariana Chuy, mãe do Gabriel (com Síndrome Genética SATB2 e Apraxia de Fala) e da Guilhermina. Moram em Porto Alegre, RS

Tínhamos receio de usar a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) com nosso filho Gabriel, porque ele não reconhece muitos símbolos e tem dificuldade de abstração. Tentamos o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), mas ele não demonstrou interesse. Mas, quando Gabriel completou 10 anos, começou a se interessar por telas, até então algo que nunca havia usado antes, mesmo para jogos, assistir a desenhos ou filmes.



Vimos nisso uma oportunidade para introduzir a CAA de uma maneira nova. A partir desse interesse, decidimos iniciar a CAA diretamente no tablet. Como ele gosta de letras - foi justamente a partir do letramento que a fala começou - achamos interessante utilizar um aplicativo que mostrasse a palavra escrita junto com a figura. Essa abordagem o ajudou não só a se comunicar, mas também a melhorar sua linguagem e habilidades linguísticas, vinculando o significante (a palavra escrita) ao significado (a imagem).

Foi um trabalho de equipe mesmo, pois, quando iniciamos o uso da CAA, escola, família e, logicamente, as fonos que atendem o Gabi passaram a fazer uso dessa ferramenta, modelando, usando no dia a dia o comunicador, como se estivéssemos todos aprendendo uma segunda língua juntos. Gradualmente, o uso da comunicação alternativa impulsionou ainda mais o processo de alfabetização do Gabi e permitiu que novos fonemas, palavras e até frases passassem a fazer parte de seu repertório.

Penso que a escolha do método de comunicação alternativa depende muito do indivíduo e do momento dele. Pode não ser ainda o momento de a criança querer se comunicar dessa forma. É preciso muita sensibilidade dos pais e da equipe para não exigir demais e entender o parâmetro da criança.

Mesmo com um sistema de comunicação robusto, como o que o Gabi usa, não é possível prever todas as palavras que uma pessoa pode querer usar. Por isso, o acesso a um teclado ou a uma prancha com o alfabeto é essencial para garantir que a pessoa possa se expressar plenamente.

O uso de imagens e textos torna a comunicação mais rápida, mas é fundamental que o aprendizado da CAA inclua o desenvolvimento da habilidade de se comunicar por escrito, garantindo autonomia total.

Nossa experiência mostrou que a escolha adequada de ferramentas de CAA, junto com uma abordagem individualizada, pode facilitar a comunicação e fomentar o desenvolvimento linguístico e a autonomia. A CAA, adaptada às necessidades específicas de cada indivíduo, pode transformar significativamente suas interações e participação no mundo.

O uso da CAA não só tem facilitado a comunicação do Gabriel, mas também tem proporcionado um impacto positivo em seu desenvolvimento social. Ele se sente mais confiante para interagir com outras crianças na escola, o que tem contribuído significativamente para sua autoestima e para a construção de amizades. Com a possibilidade de expressar suas emoções e pensamentos de forma clara, tenta participar mais ativamente das atividades escolares e se envolve em jogos e brincadeiras com seus colegas.

A introdução da CAA na vida do Gabi também trouxe uma mudança positiva para toda a família. Agora, podemos nos comunicar melhor com ele e compreender suas necessidades e desejos. Isso fortaleceu nosso vínculo familiar e nos proporcionou uma dinâmica mais harmoniosa em casa. A CAA nos mostrou que a comunicação vai além das palavras faladas; ela envolve compreender e valorizar todas as formas de expressão.

Que coisa boa que é poder saber o que o Gabi quer e o que ele não quer fazer, comer ou mesmo vestir. A CAA nos possibilitou isso!

3. Aline Rasera, mãe da Maitê e da Isabella. Moram em Porto Alegre, RS

No início tínhamos receio de utilizar a CAA com a Maitê, pois achávamos que o recurso poderia dificultar a aquisição da fala.

Mas, após iniciarmos seu uso, percebermos o quanto ela estava precisando de uma voz e o quanto ela tinha a dizer.



Ela evoluiu muito rápido com a CAA pois também percebeu que tudo o que ela pensava, ela podia “falar”.

Ela inclusive foi alfabetizada com o auxílio do aplicativo. Hoje, apesar de ainda não conseguir escrever à mão, o aplicativo também a auxilia na comunicação e a realizar as atividades na escola. Já escreve frases e conta os fatos. Ela conhece o aplicativo, que é bem robusto, de cor. Os dedinhos vão super rápido e quando não tem alguma informação que ela quer ela mesma pede para incluirmos palavras novas.

Com o uso da CAA todos podem perceber como ela capaz, inteligente e espirituosa!

Nós vemos o quanto a Maitê está satisfeita e os olhinhos brilham quando ela consegue fazer escolhas, dizer como se sente e pedir o que quer. A ansiedade que ela tinha também diminuiu, pois, sabe que é compreendida. Hoje ela tem voz!

Seguimos com a terapia para fala, mas com a tranquilidade de que tudo o que a Maitê quer expressar ela pode, e pode agora!



4. Por Claudia Spadoni, mãe da Isabela (com diagnóstico da Síndrome Genética Phelan- McDermid). Moram em São Paulo.

Escrever sobre a evolução da comunicação expressiva da Isabela, agora com 19 anos, é uma história muito rica em detalhes e em várias situações. Não tínhamos muito suporte aqui no Brasil. Tivemos que buscar orientação com famílias americanas com mais experiência e acesso a recursos.



Isabela sempre apresentou muita dificuldade de aprendizagem motora, seja para brincar e realizar as atividades do dia a dia (como andar, dançar, correr, saltar), seja para mastigar, cuspir e, sem dúvida, falar. Todos são desafios até hoje, ainda que tenha sido submetida a muitas terapias mesmo antes de completar um ano de vida, pois já frequentava fisioterapia e fonoterapia.

Começamos a trabalhar a linguagem e as interações sociais, e, neste aspecto, ela sempre foi muito interessada em se relacionar com as pessoas, sobretudo os adultos. Tivemos muita dificuldade em encontrar profissionais que soubessem lidar com os atrasos de desenvolvimento que apresentava. Por volta dos três anos, começamos a trabalhar com comunicação alternativa com uma fonoaudióloga que providenciou as imagens e começou a orientar a família.

Comprei comunicadores nos Estados Unidos, alguns aqui nem chegaram a conhecer, mas eram recursos que permitiam gravação e uso de imagens. Assim começamos. Não vimos muitos avanços.

Neste mesmo momento, iniciamos os atendimentos com base em ABA (análise do comportamento aplicada) e, por sugestão da terapeuta, iniciamos com o PECS (sistema de troca de figuras). Ambos foram divisores de água na vida da Isabela e da família.

A fonoaudióloga deixou o caso por não concordar com o uso do PECS, mas a mãe foi adiante. Isabela se apropriou e foi avançando rapidamente nas seis etapas do programa. Essa organização de etapas, de como ensinar a ela, foi de fato bem relevante. Lembro muito também que o sistema não tinha só a função comunicativa de mando, mas Isabela fazia da sua pasta um verdadeiro instrumento para ser entendida, usando diferentes funções comunicativas.

Comprei o programa que gerava as imagens, a plastificadora, e fazia com muita dedicação a ampliação do seu repertório, escolhendo o vocabulário e modelando nas diversas situações. Ficou muitos anos com este sistema, até a sugestão feita por uma colega da Itália de um aplicativo, muito simples, que exigiu a personalização para ela. Ela também rapidamente se apropriou do aplicativo, que exigia dela outras habilidades, como, por exemplo, a de classificação, pois agora as palavras estavam agrupadas em ícones, e não mais à vista, como na “velha pasta”.

Assim seguimos usando os dois recursos. Nos ambientes de casa, tínhamos imagens à mão para facilitar o acesso; não só isso, a escola também foi super parceira em adaptar os conteúdos e permitir que ela pudesse responder ao conteúdo das aulas com seus cartões.

Mesmo investindo em terapia de fala, ela não fala. Adquiriu algumas palavras, mas depois deixava de falar. Não chegou a falar frases. Estava cada vez mais claro para a família que tínhamos que continuar investindo em comunicação alternativa.

Então, o nosso próximo desafio era a alfabetização; e tem sido até hoje. Ela lê com mais facilidade, mas a escrita, através da digitação, é difícil. Buscamos um novo aplicativo que permite a personalização necessária a ela, com um misto de imagens, palavras escritas previamente e o teclado para se comunicar. Usamos um tablet desde que tinha cinco anos. O acesso à comunicação alternativa e o nosso olhar atento para a Isabela foram importantes.

Enfatizo aqui o nosso olhar atento, pois várias vezes fomos orientados a seguir caminhos/tratamentos que não deram resultados. Ela terminou o ensino fundamental, mesmo não acompanhando os conteúdos, e participou de atividades e festas escolares. Além disso, é supercompanheira de passeios e viagens com a família. Gosta de interagir e estar com as pessoas. Tem um olhar que diz muito a todos. Mesmo agora, na vida adulta, seguimos investindo, pois temos acompanhado outras pessoas, com o mesmo diagnóstico, que perdem habilidades adquiridas.

Somos pais tão fortes e dedicados quanto ela. Não deixamos de buscar opções mais eficazes e de acreditar no quanto ela pode melhorar.



5. José Márcio Fernandes, pai da Giovana (com Síndrome Genética Gatad2b e Apraxia de Fala) e do Pedro. São de Curitiba - PR

A Giovana tem Apraxia de Fala severa e sempre teve grande dificuldade de comunicação.

A comunicação efetiva é uma grande barreira para a Giovana se desenvolver e atingir seu melhor potencial, além de causar grande frustração a ela.



Quando conhecemos algumas técnicas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) vimos como uma grande ferramenta para a Gigi.

Os desafios de implementação foram enormes.

O primeiro é sem dúvida o grande preconceito das pessoas em geral em relação a CAA, por falta de conhecimento, muito acreditam que utilizar alternativas para a comunicação irão prejudicar o desenvolvimento da comunicação verbal, como se a criança tivesse uma “muleta” para não falar.

Após explicar com diversos exemplos, as pessoas entendem e as barreiras se reduzem, sempre usamos o exemplo: de que não deixar uma criança usar óculos, não vai ajudá-la a forçar sua visão para que possa ver melhor.

Iniciamos com o método PECs, que é muito prático e simples de ser implementado, porém após algum tempo, percebemos que a Giovana necessitava de uma linguagem mais complexa e com o aumento da quantidade de pictogramas, as pastas ficaram de difícil transporte e uso, especialmente considerando também a ansiedade da Giovana.

Assim decidimos utilizar CAA em eletrônicos.

Tentamos diversas opções (celular bloqueado, relógios, etc...), porém o tablet foi a opção mais apropriada.

Aí nos deparamos com a limitação de softwares em português, mas conseguimos adaptar as soluções e, após alguns anos, os softwares em português ficaram mais disponíveis.

Mas o maior desafio de todos foi que demoramos a entender que a CAA precisa estar presente em todos os momentos e ambientes, e ser um canal de duas vias, ou seja, a criança precisa usar, mas também seus pais, adultos, amigos, professores, etc... E este tem sido até hoje o maior desafio, de implantar de forma efetiva a CAA em todos os ambientes e tornar o uso pleno.

Nos mudamos este ano para os EUA, e tivemos uma grata surpresa, traduzimos todas as pranchas da Giovana para inglês, e assim, ela conseguiu se comunicar muito bem em inglês, e vencer rapidamente a barreira inicial do idioma.

Hoje, a Giovana, ainda usa a CAA de forma reduzida, e muito menos do que gostaríamos, vemos que em diversas situações a CAA poderia ampliar a comunicação da Giovana e levar ela a atingir resultados muito melhores. Assim estamos agora, estudando como novamente intensificar o uso.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES E REFERÊNCIAS



Estudos Relevantes sobre CAA e Apraxia

Esses estudos fornecem uma ampla visão sobre as metodologias de avaliação e intervenção para crianças com apraxia de fala e a aplicação de CAA como uma ferramenta crucial para melhorar a comunicação e inclusão social dessas crianças.

Estudos em Português

1. Métodos de Avaliação da Apraxia de Fala na Infância: Revisão Sistemática (<https://redalyc.org/articulo.oa?id=637772981001>)
2. Instrumentos para Avaliação de Apraxia de Fala Infantil ([https://portal.revistas.bvs.br/codas/27\(6\):610-615](https://portal.revistas.bvs.br/codas/27(6):610-615))

3. Comunicação Suplementar e ou Alternativa no Contexto da Música: Recurso e Procedimentos para Favorecer o Processo de Inclusão de Alunos com Deficiência (https://www.researchgate.net/publication/264880768_COMUNICACAO_SUPLEMENTAR_E_OU_ALTERNATIVA_NO_CONTEXTO_DA_MUSICA_RECURSOS_E_PROCEDIMENTOS_PARA_FAVORECER_O_PROCESSO_DE_INCLUSAO_DE_ALUNOS_COM_DEFICIENCIA)
4. Implicações das Necessidades Complexas de Comunicação na Competência Emocional das Crianças: Um estudo de caso (https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19067/1/Trabalho%20projeto%20reformulado_Margarida%20Luz.pdf)



Estudos em Inglês

1. Treating Childhood Apraxia of Speech With the Kaufman Speech to Language Protocol: A Phase I Pilot Study

(<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29315033/>)

2. Combined Clinician-Parent Delivery of Rapid Syllable Transition (ReST) Treatment for Childhood Apraxia of Speech

(<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30427701/>)

3. Variable Practice to Enhance Speech Learning in Ultrasound Biofeedback Treatment for Childhood Apraxia of Speech: A Single Case Experimental Study

(<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28414405/>)

4. Telehealth Delivery of Rapid Syllable Transitions (ReST) Treatment for Childhood Apraxia of Speech

(<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27768252/>)

5. A Randomized Controlled Trial for Children With Childhood Apraxia of Speech Comparing Rapid Syllable Transition Treatment and the Nuffield Dyspraxia Programme-Third Edition

(<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26310911/>)

6. Supporting the communication, language, and literacy development of children with complex communication needs: State of the science and future research priorities

(<https://pure.psu.edu/en/publications/supporting-the-communication-language-and-literacy-development-of>)

7. Can Conversation-Based Intervention Using Speech-Generating Devices Improve Language in Children With Partially Intelligible Speech?

(<https://doi.org/10.1177/1525740119880299>)

8. Language learning, recasts, and interaction involving AAC: background and potential for intervention.

(<https://doi.org/10.1080/07434618.2016.1278130>)

9. Building capacity in AAC: A person-centred approach to supporting participation by people with complex communication needs.

(<https://doi.org/10.1080/07434618.2018.1556731>)

10. A scoping review of communication outcomes measures in augmentative and alternative communication.

(<https://doi.org/10.1080/10400435.2023.2251041>)

SOBRE APRAXIA DE FALA NA INFÂNCIA



Livros:

1. Como tratar a Apraxia de Fala na Infância.

Autora: Margaret Fish.

O livro mais abrangente disponível a respeito da avaliação, diagnóstico e tratamento da Apraxia de Fala da Infância. Este livro é indicado para fonoaudiólogos e estudantes de Fonoaudiologia que buscam recomendações práticas, baseadas em evidência, para abordar as diversas necessidades de crianças com Apraxia de Fala da Infância.

2. O Guia do Fonoaudiólogo para o Tratamento da Apraxia de Fala da Infância: estratégias efetivas de terapia para crianças pequenas, pré-escolares e crianças em idade escolar.

Autores: Dave Hammer e Cari Eber

Este Guia prático tem o objetivo de potencializar a realização do diagnóstico e do tratamento das crianças e dos adolescentes com suspeita ou diagnóstico de AFI.

Sites:

* www.apraxiabrasil.org

* www.isaacbrasil.org.br



Sobre a ABRAPRAXIA

MISSÃO

Promover ações que possibilitem às crianças com Apraxia de Fala na Infância (AFI) alcançar seu melhor potencial.

VISÃO

Que a ABRAPRAXIA possibilite que as crianças e famílias Brasileiras de todas as classes sociais tenham acesso aos melhores métodos de diagnóstico, terapias e tratamentos disponíveis mundialmente.

VALORES

Transparência e seriedade
Respeito e empatia pelas pessoas
Qualidade no que fazemos
Enxergar o indivíduo como um todo

Conheça a ABRAPRAXIA, acesse o nosso site: www.apraxiabrasil.org.

EQUIPE TÉCNICA DO GUIA SOBRE COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA

Elaboração do texto

Fga. Esp. Débora Adamatti Stangherlin
Fga. Esp. Karoline Quaresma
Fga. Esp. Bruna Sant'Anna

Equipe de ilustração

Victor Eloi Batista Silva

Equipe de diagramação

Elaine Feitosa da Silva
Bárbara Couto Falqueto

Revisão do texto

Esp. Monique Ferro

Colaboradores

Luciana Dinoá
Mariana Chuy
Eleandra Barbieri
Aline Rasera
Claudia Spadoni
José Márcio Fernandes

AGRADECEMOS POR SEU APOIO!

Organização:

Associação Brasileira de Apraxia de Fala na Infância



OBRIGADO PELO
APOIO!

